

LIVRO RESENHADO

CAVALCANTI, JAURANICE RODRIGUES. *PROFESSOR, LEITURA E ESCRITA*. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2015.

GUARDIÃO DA LÍNGUA OU FORMADOR DE LEITORES CRÍTICOS: QUEM É O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA?

Danielle Ferreira Martins Bastos
Doutoranda em Estudos de Língua / Ensino de Língua Portuguesa (UERJ – Bolsista CAPES)
danibastosjf@hotmail.com

Buscando responder a esta pergunta, Jauranice Rodrigues Cavalcanti brinda a todos nós, professores de Língua Portuguesa - atuantes ou em formação, com o brilhante livro intitulado *Professor, leitura e escrita*, no qual demonstra essencialmente como é desejável e, mais que isso, como é possível, um trabalho de atuação equilibrado nessas duas frentes.

A preocupação em desmitificar a figura do professor de português como *guardião da língua*, nos termos da autora, sendo aquele que apenas ensina a “escrever e falar corretamente”, ganha força ao lado da necessidade de ser também aquele capaz de formar leitores críticos e escritores competentes. Logo, o professor vê-se perdido e sobrecarregado. Assim, a linguista nos orienta - a partir de levantamentos teóricos, exemplos e propostas de atividades - para a prática de um trabalho balanceado e eficaz entre a dupla função do docente.

Para cumprir com essa finalidade, a obra é dividida em duas partes já anunciadas no título: leitura e escrita. Na primeira delas, discute-se o estudo dos gêneros em diferentes

textos que circulam na mídia, realizando uma análise reflexiva dos mesmos acerca dos papéis do leitor e do autor na produção dos sentidos. Já na parte dedicada à escrita, a autora aborda questões de produção de textos e *estratégias do dizer*, as quais, segundo ela, compreendem possibilidades de usos dos recursos expressivos e seus efeitos de sentido.

O capítulo que nos interessa ressaltar, *A reescrita de textos*, insere-se na obra como uma terceira parte e merece destaque por compreender uma etapa fundamental no processo de escrita, muitas vezes esquecida ou deixada de lado pelo professor, por faltar-lhe tempo frente ao conteúdo pré-estipulado e que se exige cumprir, por faltar-lhe conhecimento de como fazê-lo ou simplesmente por ignorar sua necessidade para a evolução da produção textual do aluno. De acordo com Cavalcanti, isso se deve ainda pelo fato do docente não se constituir verdadeiramente como interlocutor dos textos de seus alunos, não se colocando no papel de coautor. Segundo ela, o professor preocupa-se com a higienização do texto, em uma correção apenas da superfície, não tecendo comentários a respeito da seleção de argumentos, da adequação do texto ao público ou a seu propósito comunicativo, deixando de sinalizar para o aluno outras formas de enriquecer sua escrita.

Nas palavras da autora:

considerar um texto mal-escrito, avaliá-lo negativamente, é pouco ou nada se essa avaliação não puder ser comprovada no próprio texto e, ressalte-se, com observações que enfoquem aspectos textuais e discursivos. Depois disso, após essa etapa, segue-se a mais importante – a de apontar o que precisa ser revisto e como isso poderia ser feito. (CAVALCANTI, 2015, p.162)

A respeito dos livros didáticos, a autora chama a atenção dizendo-nos que há propostas de produção textual bem elaboradas, baseadas inclusive no trabalho com os gêneros; entretanto, são quase inexistentes orientações acerca da revisão e da reescrita do texto.

Em todo o último capítulo, a linguista apresenta uma interlocução com outras obras de mesmo tema (*Problemas de redação*, de Alcir Pécora; *Portos de passagem*, de João Wanderley Geraldi; os *Parâmetros Curriculares Nacionais*; *Aprender a escrever (re)escrevendo*, de Sírio Possenti, entre outras), reafirmando a necessidade de o produtor de textos considerar ações que concretizem o propósito argumentativo, como a escolha do gênero do discurso, o que se quer dizer, quais as razões para dizer e para quem se diz. Dialoga ainda com *Portos de passagem*, de Geraldi, passando pelas etapas do planejamento e da reelaboração do texto, evitando-se a artificialidade das propostas de produção escrita, muitas vezes sem sentido para o estudante. Todo esse trabalho com a reescrita deve ser feito, para Cavalcanti, em cima do texto do discente: “o material básico para isso é a escrita de seus alunos” (CAVALCANTI, 2015, p.168).

Cabe ressaltar que os exemplos analisados pela autora ao longo do capítulo reiteram toda a teoria apresentada na obra, acompanhados de orientações aos docentes de *como* realizar essa etapa fundamental da reescrita com seus alunos: propõe-se analisar textos sobre o ato de escrever de escritores consagrados, com seus depoimentos, confirmando ser esse um processo trabalhoso, de ida e volta constante, de reestruturação; propõe-se comparar trechos de textos modificados por diferentes edições da mesma obra de grandes

autores, demonstrando que estão sempre em construção; propõe-se, ainda, a reflexão a respeito dos efeitos de sentido obtidos com tais mudanças na reescrita desses autores consagrados. Assim, o aluno se reconhece como um igual no processo de reescrita e percebe-se com as mesmas dificuldades apresentadas por seus escritores prediletos, confirmando para si que a boa escrita é consequência da prática.

Lembramos que, para a linguista, corrigir não é o mesmo que revisar, já que o primeiro supõe a existência de um erro – seria a etapa de análise da superfície do texto. Revisar vai além, pois significa alterar aspectos que não estão “errados”. Essa segunda etapa, mais profunda, pode ser realizada individual ou coletivamente, considerando as observações de todos os alunos. Além disso,

não se pode deixar de apontar os pontos positivos do texto, o que permite aos alunos observarem os conhecimentos (muitos deles sofisticados) que já têm sobre a língua. Muitas vezes, a reescrita não é bem recebida por conta de o aluno associá-la a momentos em que constata que “não sabe português”, o que acaba por afastá-lo de práticas como a de revisar e reescrever o texto. (CAVALCANTI, 2015, p.184)

Ao longo do livro, a autora trabalha com exemplos de diferentes níveis em variadas etapas escolares, demonstrando sua preocupação com o público a que pretende atingir, já que seu trabalho se direciona a professores em geral, de diversas fases da escolarização, inclusive no nível superior. Portanto, tem-se atividades de reescrita de ensino fundamental, acerca do discurso em resenha acadêmica, a respeito da mudança do *ethos* e sua harmonia com o gênero produzido e exercícios de retextualização.

Jauranice Cavalcanti cumpre com excelência a tarefa a que se propõe realizar com *Professor, leitura e escrita*, demonstrando na teoria acadêmica e na prática de sala de aula a relevância da leitura, da escrita e da reescrita na “formação de escritores, de sujeitos-autores capazes de produzir textos adequados e bem-escritos” (CAVALCANTI, 2015, p.196). Além disso, qualifica o professor não na visão maniqueísta de uma atividade única de guardião da língua *ou* de formador de leitores críticos e sim na dialética de seu papel de mediador e coautor junto a seus alunos durante todo esse processo, transformando-os em autores eficientes.

***Recebido em 02 de setembro de 2017.
Aceite em 22 de setembro de 2017.***

Como citar esta resenha:

BASTOS, Danielle Ferreira Martins. Guardiã da língua ou formador de leitores críticos: quem é o professor de língua portuguesa. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 25, jul.-dez. 2017, pp. 442-446. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num25/resenhas/palimpsesto25resenha01.pdf>>. Acesso em: *dd mm. aaaa*. ISSN: 1809-350